

AS RELAÇÕES ENTRE OS PANTANEIROS E SEU AMBIENTE

Jaqueline Costa Castilho MOREIRA¹

Gisele Maria SCHWARTZ²

Resumo

Este estudo, de natureza qualitativa, teve como objetivo investigar as relações de convivência do pantaneiro em seu ambiente. Para tanto, foi desenvolvida uma revisão bibliográfica e uma pesquisa etnográfica, realizada durante uma viagem de barco, de uma semana pelo Rio São Lourenço, MT, Brasil. A amostra aleatória do estudo foi composta por 12 pessoas, de ambos os sexos e faixa etária variada, as quais, voluntariamente, se dispuseram a participar. Os resultados, analisados descritivamente, apontam para a importância do contexto físico-espacial, representado pelo ciclo das águas pantaneiras, na vida dessa população, desde a construção de seu perfil, às formas pelos quais se relacionam, tanto com o meio geográfico, como entre si, assim como, com os turistas. O comportamento adaptativo do ribeirinho reflete, algumas vezes, a submissão ao contexto e em outras, a conscientização de que faz parte de um sistema interdependente, e que ambos estão sujeitos às intervenções contundentes, principalmente, das atividades econômicas realizadas de forma não planejada, dentre elas o turismo.

Palavras-chave: Ambiente. Pantanal. Perfil social.

Abstract

The relationships between 'pantanal' people and the environment

This study, of qualitative nature, aimed to investigate the acquaintance relationship between swampland men and their environment. A literature review was first developed associated with an ethnographic research, accomplished during an one week boat trip by São Lourenço River, MT, Brazil. An aleatoric sample was compound for 12 persons, of both sexes and varied ages, which voluntarily participated of the study. Results were descriptively analyzed and indicate the importance of physical-space context, represented by Pantanal's water cycle controlling the life of this population, from the construction of their social profile, until the form of personal communication and the relationship with geographic space and with the tourists. The swampland men's adaptability reflect in some cases the submission to the context and other times the awareness that they are part of an interdependent system and that both are yielded to contusing interventions, specially the economics related to unplanned forms, among them the tourism.

Key words: Environment. Pantanal. Social profile.

¹ Mestranda em Ciências da Motricidade/DEF/IB/UNESP- Rio Claro - Pesquisadora do Laboratório de Estudos do Lazer (LEL) - R. Ceará, 2.766, Jardim Paulistano, Ribeirão Preto, SP – E-mail: jackycastilho@uol.com.br

² Livre-docente pelo DEF/IB/UNESP- Rio Claro - Coordenadora do Laboratório de Estudos do Lazer (LEL) - Av. 24 A, n. 1515, Bela Vista, Rio Claro, SP - E-mail: schwartz@rc.unesp.br

INTRODUÇÃO

O Pantanal do Mato Grosso é uma imensa bacia intercontinental, com 250 mil km² de extensão. Delimitada pelo Planalto Brasileiro ao leste, pelas Chapadas Matogrossenses e Paraguai ao norte, por uma cadeia de morros e terras altas do sopé Andino a oeste, tem sua porção sul na Bolívia.

O acúmulo de águas do alto Paraguai, acrescido do desembocar de 175 rios que descem do Planalto, são responsáveis pela formação da maior planície alagável do mundo, rica em nutrientes e sedimentos, que interliga os rios Paraná e Prata.

Tanto a vida como a economia do Pantanal está sujeita ao sistema de inundações. Algumas áreas ficam submersas periodicamente, enquanto outras na estação da seca permanecem com vegetação gramínea e rasteira. Outras áreas ainda nunca sofrem inundações, abrigando formações típicas do cerrado. São os terrenos altos, chamados cordilheiras, algumas ilhas e morros isolados de rocha pré-cambriana, denominados de *inselbergs* (POR; FONSECA; LENCIONI NETO, 2005).

A diferença de nível das águas entre as estações de seca e de cheias é, em média, de quatro a seis metros. Nos anos de grandes cheias, as águas de rios como Paraguai, Cuiabá, São Lourenço, Taquari e Miranda, assim como seus inúmeros afluentes saem de seus leitos e inundam enormes porções de terras. Estas formam uma densa rede de lagoas, baías e baixadas alagadas, interligadas por cursos de águas efêmeras ou perenes, conhecidos como corixos.

Por oferecer um potencial em terras e minérios que poderiam ser perfeitamente aproveitados, o Pantanal teve diversos hectares drenados para a agricultura, para a pecuária e para a mineração; muitas cabeceiras de rios foram e ainda têm sido desmatadas, diminuindo a vazão das águas, houve contaminação com resíduos tóxicos, além do assoreando de vários rios que integram sua bacia.

Nesse cenário de interferências humanas inadequadas, acrescentam-se as mudanças de orientação dos ciclos de desenvolvimento, os conflitos políticos e militares internacionais, ocorridos na região pela disputa de território entre Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina, os quais este estudo não pretende abarcar.

Após serem estabelecidas as fronteiras do lado brasileiro, a economia agropecuária foi intensificada nos anos 70, tornando a região importante produtora de carne, bem como, das culturas de arroz, cana-de-açúcar e soja.

A efetivação de acordos internacionais e a divisão do Mato Grosso em dois estados, em 1977, beneficiaram a região com programas de desenvolvimento específicos, colaborando para melhorar o escoamento de riquezas e para minimizar a precariedade do sistema de abastecimento energético.

Como exemplo, a construção do Projeto Hidrovia, planejado em conjunto entre os quatro países que integram a bacia. Apesar de estar muito distante de se chegar ao fluxo de transporte em seu pleno potencial, o Projeto Hidrovia tem viabilizado a navegação marítima e fluvial até Cáceres, no Alto Rio Paraguai. Complementa as medidas para facilitação de escoamento de produtos, a rodovia transpantaneira, parcialmente completa, bem como, a estrada Miranda-Corumbá. Essas vias de acesso terrestre e fluvial tornaram possível o turismo nacional e internacional na região, transformando o ecoturismo, em uma outra atividade bastante promissora. Corroboram com a afirmação, o crescimento do número de fazendas turísticas e pousadas, ou ainda, o oferecimento de cruzeiros fluviais em barcos usados, em geral, para pescarias, que navegam principalmente pelos rios Paraguai, Taquari, Cuiabá e São Lourenço, em roteiros que combinam a pesca, a observação de animais e as visitas a refúgios e reservas naturais.

Para Por; Fonseca e Lencioni Neto (2005), garantir a saúde desse ecossistema, mantendo e ampliando as áreas preservadas, é fundamental para todas as atividades econômicas ali desenvolvidas.

Os autores citam a importância da pequena Estação Ecológica da ilha de Taiamã e o Parque Nacional do Pantanal, ressaltando a fragilidade dessas unidades em manter o controle de impacto ambiental, em função das dificuldades de fiscalização da imensa área, ocasionada, principalmente, pela falta de recursos financeiros e de pessoal adequado.

Composto sucintamente o panorama político-espacial do Pantanal e pressupondo que o ambiente seja formado pela articulação entre as estruturas físico-espaciais e pelas dimensões sociais (LEE, 1976), torna-se relevante esboçar as relações sociais estabelecidas nesse ambiente, investigando as estruturas que compõem as comunidades ali presentes.

O povo pantaneiro, acostumado ao fluxo e refluxo das águas, deriva de uma contínua e tumultuada, antiga miscigenação entre espanhóis vindos da Bolívia, por volta de 1550, bandeirantes, errantes da Guerra do Paraguai, indígenas Guaranis, Paiguás, Guatós, Guaycurus, como nos descreve Bertelli (1987).

Vivendo na imensa área do Pantanal, repleta de adversidades, o pantaneiro é integrado a tudo que o rodeia. Conhece bem os perigos que enfrenta, as ações e reações da natureza e sabe, antes de tudo, que a seca e as enchentes são as responsáveis pelo delineamento da vida na região (RAVAZZANI, 2005).

Por viverem distantes dos recursos tecnológicos urbanos e tendo o cavalo pantaneiro e as embarcações de tamanhos e tipos diferentes como meios de transporte/comunicação e inserção social, esse povo aprendeu a lidar com a rusticidade desse ambiente.

Guimarães Rosa (1978, p. 142) descreve o povo pantaneiro como “sendo rápido, exato, enfrenteiro”.

Bertelli (1988) articula esse perfil, à impossibilidade desse povo fugir a influência da água e dos conflitos de terra. Para o autor, essa suscetibilidade torna o pantaneiro um povo hábil, engenhoso, entretanto, acanhado; ou seja, a instabilidade do meio não permitiu que se fixasse um temperamento.

A distância e o difícil acesso acostumaram esse povo à solidão, ao isolamento e à auto-suficiência. Sentimento, no entanto, deixado de lado no momento de manejar o gado, quando o espírito de cooperação se manifesta ou na participação das festividades típicas, expressando seus sentimentos nas noites de lua cheia, através do som do violão e do berrante.

Para Ravazzani (2005), mesmo vivendo a realidade de uma região inóspita, das constantes enchentes, que fazem muitas vezes perder tudo, ou o ataque de animais silvestres, situação agravada pelos problemas de transporte e pela ausência de política diferenciada para a região, o homem pantaneiro pecuarista, vaqueiro ou pescador, mantém amor, respeito e apego à sua terra.

Segundo Sampaio (2001), esses sentimentos estão presentes em suas lendas, folclore, tradições e culinária típica. Ressaltando esse último aspecto da cultura pantaneira, podem-se citar algumas bebidas e pratos típicos. Dentre eles destacam-se: o tereré (semelhante ao chimarrão, no entanto, o mate é ligeiramente torrado e deixado em repouso durante 8 meses, em local seco para, só então, ser consumido com água fria), a carne seca, a paçoca (farofa de carne-seca frita e moída no pilão com farinha) e o *rurrundu* (doce típico de mamão verde e rapadura), o peixe e o caldo “afrodisíaco” de piranha, a mandioca, os frutos silvestres, as raízes e as plantas leguminosas, assim como as substâncias para utilização medicinal.

A implementação do turismo no Pantanal como atividade econômica viável, vem trazendo consigo novas reflexões. Dentre elas, no que diz respeito à beleza natural existente, o “observar” e o “contemplar” aprendido com os pantaneiros pode ser um dos itens de

atração. A beleza paisagística Reforça Bertelli (1988), que são poucas e felizes as pessoas que aprendem com eles a viver naquele mundo hostil e selvagem.

Uma outra reflexão aponta para o comportamento de “adaptação” e de “respeito ao ambiente” do pantaneiro, frente aos seus desafios cotidianos. Sugere-se como comportamento uma “resposta a algum estímulo ou impulso proveniente de um determinado órgão” (CAMPBELL, 1986, p. 115). Entretanto, complementa o autor, o que dá origem ao conceito é a reação geral. Já para Ribeiro (2005), além dos aspectos biológicos e psicológicos, o comportamento também é definido pelos aspectos culturais do contexto, ou seja, o comportamento como produto do relacionamento entre homem e ambiente.

Nesse sentido, Bertelli (1988) ressalta as diversas habilidades desenvolvidas pelo povo pantaneiro, como cuidar do gado, caçar, pescar e ser canoieiro. O autor ainda assinala que, como grupo étnico, o pantaneiro se aproxima mais do caboclo paulista do que do mineiro ou do gaúcho. Seus horizontes são muito diversos das façanhas sulistas, pois no pantanal o determinante é a sua sobrevivência e a de seu gado.

E finalmente a reflexão sobre o paradigma do turismo sustentável, traduzido no questionamento sobre quais atrativos turísticos se pode oferecer e o quanto isso custa ao povo pantaneiro. Essa perspectiva é sustentada por Krippendorf (1989) ao analisar a sociologia do turismo.

Com base nesse prisma geosocial, tornou-se instigante o desenvolvimento de uma pesquisa de campo, no intuito de se observar a convivência dos pantaneiros com seu ambiente (natural e social), bem como com os turistas, enfocando as relações ser humano-ambiente, ritmadas pelos ciclos de secas e enchentes.

MÉTODO

O estudo, de natureza qualitativa, apresenta características de pesquisa de tipo etnográfico, por tentar compreender o universo de variáveis que faziam parte do estudo e caracterizando-se pelo contato direto do pesquisador com a realidade pesquisada (BETTI, 2005).

Para o desenvolvimento da pesquisa exploratória, foi empregada a observação participante, como técnica de coleta de dados, uma vez que a compreensão que o observador tem da situação tende a mudar durante o processo (SELTIZ, 1971). Esta opção metodológica justifica-se por ser adequada à proposta desse estudo, ao tempo disponível para sua realização e ao número de sujeitos pesquisados.

Diferentemente de Triviños (1992), para o qual a observação de um fenômeno social significa a abstração prioritária do evento (simples ou complexo) de seu contexto, para que este, em sua singularidade, seja estudado em seus atos, atividades, significados e relações; Seltiz (1971) ressalta a importância da observação participante para a antropologia social, desde que sirva a um objetivo formulado, seja sistematicamente planejada, registrada e ligada a proposições mais gerais (ao invés de ser apresentada como conjunto de curiosidades interessantes) e submetida a controle de validade e precisão.

Optou-se por essa forma de participação, pois o observador, imerso com seus sujeitos, durante todo o percurso, de forma explícita, pode captar detalhes surgidos inesperadamente, que revelam o primordial do mundo social que está estudando.

A lista de elementos significativos observados foi sugerida por Seltiz (1971, p. 234), elencando que:

- **Os participantes eram:** um “piloteiro” de barco, o “cozinheiro”, um “mestre de arrais”, representando os pantaneiros (três sujeitos) e duas famílias, com nove pessoas no total, representando os turistas. A relação de amizade entre as duas famílias estava estabelecida há no mínimo oito anos, sendo que esse grupamento

- era dividido entre: crianças (de oito a quinze anos – quatro sujeitos); dois casais (faixa etária de 30 a 48 anos) e um idoso (60 anos). Já o “piloteiro”, o cozinheiro e o mestre faziam juntos esse percurso, há no mínimo cinco anos.
- **A situação social** ocorreu com os participantes embarcados durante uma semana, em um barco de 12 m x 4 m, pouco luxuoso, contendo uma cabine, dois quartos, uma cozinha, dois banheiros, uma área aberta na proa e um espaço versátil “coberto” na popa, que ora servia como sala de refeição, ora sala de estar.
 - **O objetivo** que uniu os participantes foi o passeio. Por parte das famílias, o passeio representava uma mistura de lazer; observação e contemplação; pescaria esportiva (porque a maioria dos peixes pescados foi solto), atividades físicas de aventura na natureza em nível moderado e ecoturismo. Importante ressaltar que essa foi a primeira vez que os pantaneiros conduziam um público familiar (crianças, idoso e mulheres), pois essa embarcação (o “cabote”) sempre havia sido locada para pescaria, tendo como único público, o adulto, masculino. Dessa forma, para os pantaneiros, o passeio foi visto como um trabalho de turismo receptivo, se bem que não havia estruturação e, até mesmo, capacitação deles para tal. Com expectativas, desejos e necessidades totalmente diferentes, dos que os pantaneiros do barco estavam acostumados a lidar; a preocupação, o respeito e a hospitalidade oferecidos às famílias turistas eram quase que intuitivos.
 - **A duração** das observações foi de uma semana, e **a frequência** foi contínua durante uma semana, por tratar-se de um estudo etnográfico no qual a pesquisadora ficou imersa na investigação.
 - O item **Comportamento social** foi registrado através de um diário de bordo, feito no local e hora de ocorrência dos eventos, sendo comprovado com fotos, pinturas e desenhos. Os dados foram analisados descritivamente, sugerindo alguns elementos importantes, descritos a seguir.

Figura 1 – “Cabote” – Chalana singrando água e “camalotes”



(foto autoria própria).

RESULTADOS

O início da viagem

Beni (1997) afirma que a compra de uma decisão de viagem a um destino turístico é um extenso processo. O consumidor se informará de todas as fontes de assistência possível, em resposta às suas expectativas e aspirações. Nesse sentido, a escolha pelo Pantanal foi uma concretização dos desejos de viagem dos dois casais e do idoso, como a realização de um velho sonho, fomentado pela mídia televisiva ao longo de muitos anos.

Dois dias após a partida de Ribeirão Preto (SP) foram observados sobre os alagados da Rodovia Transpantaneira, nas proximidades de Corumbá (MS), os primeiros Tuiuiús (aves de grande envergadura de asas, símbolo do Pantanal), bandos de capivaras, garças brancas, biguás, os maguaris, os tachás (semelhantes aos urubus), gaviões, biguatingas, emas, jacarés camuflados nos aguapés (ou "camalotes") e uma cobra atropelada.

A perigosa estrada, em função da ausência de qualquer tipo de sinalização, presença de grandes buracos e possibilidade de assalto, era um desolo à noite. No entanto de dia, transformava-se para os motoristas atentos e suas famílias, num cenário bastante peculiar em sua beleza paisagística.

Após percorrer-se cerca de 1.500 km de difícil acesso, chegou-se em Corumbá, uma cidade de 100.268 habitantes (BRASIL, 2005). Ao mesmo tempo em que, tem sua importância histórica e econômica, no contexto Mato Grosso do Sul – Bolívia, o Pantanal é representado por um volume de águas expressivo.

Na marina, onde se encontrava o "cabote" (casa bote), podia-se perceber o movimento de pescadores e de jacarés. Sendo bastante comum a convivência entre eles, nos aguapés tão próximos da zona urbana.

Primeiro dia embarcado

O "Mestre de Arrais" iniciou o cruzeiro contando histórias folclóricas da região, como a do homem cujo companheiro afogou durante a virada da canoa e que passara 23 dias sem nada comer, apenas tomando água do rio, amarrado a uma árvore por sua calça jeans para não desmaiar.

Esses "causos", como são conhecidas essas histórias orais são características da cultura da região. Segundo o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (BRASIL, 2002), as lendas mais correntes são as do minhocão (uma enorme serpente aquática que derruba os barrancos dos rios), das lagoas que se enfurecem com a presença de pessoas gritando e histórias de onças, sucuris e aventuras de caça e pesca.

A lenta embarcação proporcionava a apreciação das aves, jacarés e de algumas famílias ribeirinhas.

Mesmo nessa época de seca, quando o Rio São Lourenço está no máximo de sua vazante, podem-se observar do barco, várias famílias vivendo, em estreitos pedaços de terra, onde construíram suas casas, cuidam de seus filhos, lavavam sua roupa e sobrevivem.

O grau de dificuldades enfrentadas por eles, remete às descrições feitas por Bertelli (1988) assinaladas anteriormente, sobre o perfil do pantaneiro.

Corroborar com o autor, o registro fotográfico a seguir, que ilustra a fragilidade do homem em relação à natureza, quase uma submissão, já que dentro do Pantanal ele é mais um componente do ciclo da vida.

Figura 2 – Família em um istmo de terra. Quem determina o que se come, onde se mora e quem é a caça é o Pantanal... São as águas do Rio São Lourenço



(foto autoria própria).

O São Lourenço é um rio sinuoso, turvo, de águas ricas em matéria orgânica em suspensão e que os ribeirinhos não sabem ao certo a profundidade. Seu leito varia conforme a estação seca ou chuvosa, quando existe maior ou menor concentração de animais terrestres, aéreos e aquáticos.

A proliferação de aguapés é grande, tantos que formam ilhas flutuantes, chamadas “camalotes” ou “baceiros”, que dificultam a passagem das embarcações para baías ou afluentes, tornando a navegação, em vários momentos, impossível.

Pott e Pott (2005) denominam os “camalotes” como macrófitas aquáticas pantaneiras, importantes na cadeia trófica de ecossistemas, por fornecerem abrigo a peixes, insetos, moluscos e perifítons, sendo reconhecidas também como comunidades características desse tipo de ambiente.

Para os leigos é bastante difícil determinar o que os “camalotes” escondem, já que se mimetizam com o leito. Apenas os “piloteiros”, conseguem navegar sem que os barcos atolem.

São atributos característicos dos pantaneiros, o senso de orientação e a organização espacial. Rosa Neto (2002) descreve que a noção do espaço é ambivalente, por ser simultaneamente concreta e abstrata, finita e infinita. Envolve o espaço do corpo, diretamente acessível, como o espaço ao redor. O autor questiona se a idéia do espaço que está incluída nas sensações, resulta de experiências e aprendizagens ou se constitui numa intuição imediata. O autor esclarece que a evolução da noção espacial é estabelecida de forma progressiva, com a evolução mental da criança, a aquisição e a conservação das noções de distância, superfície, volume, perspectivas e coordenadas, o que determinam as possibilidades de orientação e de estruturação do espaço em que se vive.

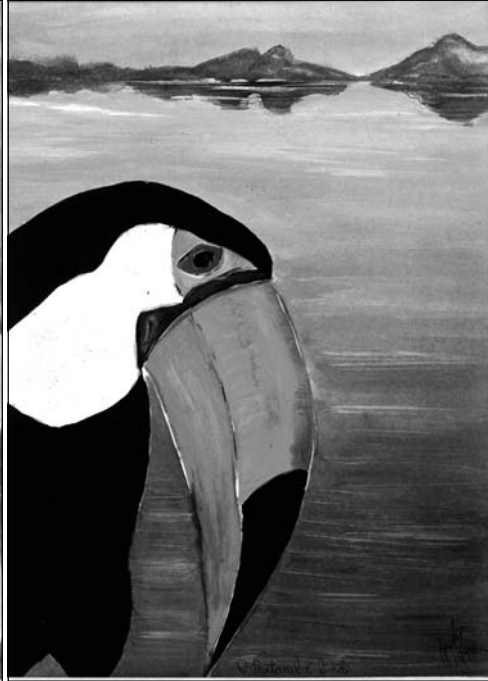
Ao ser interrogado sobre a precisão de sua orientação por entre os “camalotes”, o “piloteiro” respondeu que faz isso desde criança, e que nunca se perdeu.

Figura 3- “Camalotes” – Flores do Pantanal



(aquarela autoria própria).

Figura 4 - “Todos os simples pássaros, cores soltas, se desmancham de um desenho”



(GUIMARÃES ROSA, 1978, p. 143).
“Tucano” (aquarela autoria própria).

No segundo dia embarcado, apesar da pouca visibilidade das águas os participantes mergulharam e nadaram. Havia uma forte corrente, a qual, segundo os pantaneiros, era a garantia contra as piranhas, peixes de 25 a 30 cm, com dentes afiadíssimos e mandíbulas, cuja mordedura é bastante forte. Existe no Pantanal, um outro peixe que, quando filhote, se assemelha às piranhas. São os pacus, diferenciados apenas pelos dentes. A concentração de piranhas varia dependendo da correnteza. É sabedoria popular regional que as piranhas gostam de águas paradas, com preferência por baías e lagoas. Na época da seca, os pantaneiros evitam nadar, mesmo que seja nas águas com correnteza, pois, nesse período, há maior concentração desses animais no leito baixo, agravado pela escassez de alimentos, o que os leva a dar apenas algumas braçadas e sair logo da água, evitando nadar com qualquer tipo de sangramento.

Na tarde desse segundo dia, foi realizado um passeio à divisa com a Bolívia. Para se atravessar a fronteira houve a necessidade de autorização na Base da Força Naval Boliviana da Baía de Porto Menor de Mandioré. Para isso, todos os participantes desembarcaram no forte, comandado por militares, com faixa etária entre 16 e 18 anos. A recepção feita pelos militares garotos foi bastante divertida, com muitas perguntas sobre o mundo exterior, já que eles passam um ano inteiro sem sair da base e sem ter acesso aos familiares.

Após duas horas de voadeira (embarcação rápida de pescadores) percorrendo a Baía de Mandioré, os participantes aportaram numa praia na qual havia pegadas recentes de uma onça adulta e de um filhote.

O mestre decidiu que este local não estava bom e o grupo deslocou-se para uma outra praia, sem tantas árvores submersas ou paus, com areia bem fina e compacta, onde as arraias dificilmente conseguem se enterrar. No entanto, percebeu-se a presença de jacarés e logo foi sinalizado para que se procurasse um outro lugar.

Toureando o medo e utilizando as precauções do pantanal para entrar no rio, os banhistas, em alerta, não se arriscavam em dar passadas, tirando os pés do fundo. Essa manobra faz parte do folclore local, pois, para os pantaneiros, arrastar o pé no leito do rio assusta as possíveis raias, impedindo-as de nadar por baixo deles, o que evita acidentes muitíssimo doloridos. As arraias pantaneiras medem entre 30 a 50 cm de diâmetro, possuem grande ferrão na longa cauda e gostam de solo arenoso para melhor se camuflarem.

Face ao contato com os animais em liberdade, como piranhas, onças e raias, é possível observar o respeito territorial do pantaneiro, nessa (muitas vezes equilibrada) relação homem-ambiente natural.

Estava escurecendo e era prudente voltar ao “cabote”. Mais uma vez, observou-se, com admiração, o senso de orientação dos “piloteiros” em navegar entre o labirinto de “camalotes” e vitórias régias.

As vitórias régias não são exclusivamente amazônicas, registrando ocorrência também no pantanal. Seu diâmetro de aproximadamente um metro escamoteia suas farpas enormes e pontiagudas, além dos grandes espinhos de uma raiz principal emaranhada num tufo de outras pequenas raízes.

Durante o percurso, o “piloteiro” conta ser possível a uma criança de cinco anos, sentar dentro de uma delas, sem que afunde; mais uma das lendas da região.

No terceiro dia, navegou-se em direção à estação do IBAMA. A excursão já estava em Mato Grosso, próximo à Poconé, local onde o Rio São Lourenço passa a se chamar Rio Cuiabá.

Foi a primeira vez em que se pisou, no que os pantaneiros chamam de terra firme, ou seja, num aterro feito pelo homem, para instalação da sede do Parque Nacional do Pantanal. Conheceu-se o responsável pelo Parque, que contou um pouco da história de sua fundação, assim como a de sua própria vida. O Parque criado pelo Decreto Federal nº. 86.392/81 (BRASIL, 1981) atendeu às reivindicações da sociedade e comunidade científica, para criação de uma unidade de conservação que protegesse amostras significativas do bioma pantanal.

A área preservada pelo decreto incorporou a antiga Reserva do Cara-cará, a qual, na década de 80, foi base de operações no combate à ação dos caçadores de jacarés, e praticamente dobrou seu território com a compra de uma antiga fazenda de gados, que foi inundada em consequência das transformações da região, por ações antrópicas diversas.

Viveiro natural de pássaros como tuiuiús, garças brancas, biguás, biguatingas, maguaris, marrecas caboclas, tachás ou anhumas, cabeças secas, araras, papagaios, tucanos, martins pescadores, cardeais, beija-flores, urubús, gaviões cará-carás, aracuãs (galinhas escandalosas e selvagens), socós, mutuns, jaós, frangos d'água, anús brancos e pretos, bem-te-vis, maritacas, entre outras. Cerca de 650 espécies de aves, 80 tipos de mamíferos e jacarés, os quais, de tão próximos, poderiam ser tocados, se não fosse sua ferocidade. E parafraseando Guimarães Rosa (1978, p. 142): “Aqui tem tanto passarinho, que a gente nem não precisa de saber o nome deles...” Atualmente esse viveiro não está mais aberto à visitação.

Era o quarto dia embarcado. Havia um problema no motor do barco e uma das voadeiras estava estragada. Diferente do procedimento em cidades grandes, as pessoas

dentro do Pantanal compreendem que a importância da camaradagem e da cooperação é, até mesmo, uma garantia de sobrevivência naquele ambiente. Logo, os tripulantes arrumaram uma solução para o motor da voadeira estragada, e, com um barco de turistas estrangeiros e pescadores profissionais, conseguiram reparos para o motor do “cabote”.

No entanto, esses imprevistos fizeram com que fosse decidido antecipar o retorno.

A embarcação navegou por todo o dia, atracando, finalmente, numa fazenda com um morro despontando ao longe, conhecido como Amolar. Não havia tantas piranhas e jacarés, só no final da tarde. Na praia de terra proliferavam plantas aquáticas como cabombas, *vallisnerias* e era possível ver cardumes de peixes de aquário, girinos e arraias. A luz da tarde foi terminando aos poucos e com ela a visibilidade.

Alguns participantes esquiaram um pouco, porém, com o por do sol, vieram os pernilongos e os jacarés, o que gerou o intuito de buscar abrigo e segurança.

Bem mais tarde observaram-se as estrelas. O céu, em locais desertos, sem a claridade das luzes das cidades, vira um planetário! Lá estava o Cruzeiro do Sul, acompanhado de alfa e beta centauro, boieiro, antares, vega e o mais impressionante - o rabinho de escorpião, um semicírculo de pequeninas estrelas. Tudo isso em meio às nebulosas e a uma lua que chegava a se alaranjada e crescente... Nenhuma máquina fotográfica, nem filmadora conseguiram captar a beleza e a energia das noites no Pantanal.

No quinto dia, os participantes e pantaneiros acordaram mais cedo do que o habitual, para as pescarias. Após se percorrer várias baías, foram pescadas piranhas, pacus, piracutangas, palmitos e muitos peixes-pau (paus que se enrolam no anzol). Os peixes do pantanal são selvagens, brigam realmente e não se dão por vencidos, quando menos se espera eles arrebetam a linha, principalmente as piranhas. É um esporte de paciência... E força!

Nesta noite, o “cabote” continuou a descer o rio e as paisagens puderam ser revistas e ao serem revisitadas, cresceram-se novas descobertas, como os marcos de navegação no leito do rio.

O Rio São Lourenço, atualmente, faz às vezes da estrada transpantaneira, pois, na verdade, é o único meio de comunicação e transporte do Pantanal, por isso é muito bem sinalizado. Existem, ao longo de suas margens, diversas placas reflexivas, funcionando como marcos, que avisam aos navegantes por onde é o melhor lugar para se passar com o barco. Muitos acidentes são evitados e é sempre bom navegar próximo às margens quando as placas nada avisam. A cada curva existe uma placa, todas com sinais peculiares:

- O X indica que se deve cruzar o rio porque o canal muda de lado.
- H Já o H, o canal permanece no centro do rio.
- O E o círculo, o canal permanece do mesmo lado.

No sexto dia, o grupo se revezou nas pescarias, fotos e pinturas. Próximo à hora do almoço, com intuito de refrescarem-se, os participantes mergulharam nas águas de forte correnteza, agora, novamente do Rio São Lourenço. Um dos turistas perguntou:

- “ - *Aí é bom de nadar?*
- *Aqui é bom, tranquilo! Pode ir!*
- *Tem piranha?*
- *Piranha tem, mais tá espalhado!*” Retrucou o “piloteiro”.

Mesmo assim, os participantes continuaram a nadar, afinal era o último dia! Por volta de quatro horas da tarde, o grupo chegou a Corumbá, com histórias de piranhas que comeram pescadores conhecidos da tripulação, lendas mágicas sobre jacarés e sucuris, além dos próprios relatos de vida, paisagens fantásticas capturadas nas máquinas fotográficas e pela adrenalina, na memória.

DISCUSSÃO

Este estudo permitiu observar os diversos níveis e tipos de relações pessoa-ambiente possíveis entre os **participantes**. Pode-se inferir que entre o grupamentos dos turistas pesquisados, embora soubessem “dominar” um ambiente através da tecnologia e agir sobre ele, optaram por romper com esses valores contemporâneos. Em função da escolha desse roteiro ecoturístico específico e da forma como foi realizado, são pessoas que necessitam de uma aproximação bastante real com o meio natural, em seus momentos de lazer.

Colabora com esta reflexão sobre o homem contemporâneo, Wagner e Godesberg (1977, p. 09) ao afirmarem que “conservar os restos de meio ambiente natural aparece como atitude de fuga de um homem que crê poder ainda escapar à erosão psíquica, quando se vê exposto ao processo de erosão física, do qual já não pode escapar”.

Já os pantaneiros, ao mesmo tempo em que tem um profundo respeito pela natureza e pela territorialidade dos animais, respeitando e submetendo-se ao fluir do ciclo das águas, se interam harmonicamente com esse ambiente natural, compreendendo que a natureza tem valor por si mesma.

Para o entendimento dessas formas de relacionamento, buscou-se vários autores. Overton e Reese (1977) estabeleceram três categorias: submissão do homem ao ambiente, no qual o ambiente é o agente de mudança e o comportamento humano é o objeto da adaptação; o ambiente como construção humana, forma comum de idéias, bastante pretensiosa, por constituir a natureza humana como fator condicionante da existência ou não de um ambiente e o sistema interdependenteambiente-homem, que considera que ambos os sistemas se interam reciprocamente, exercendo influências formativas simultâneas.

Conceitos próximos aos defendidos pelos autores anteriores, encontram-se também na geografia humana. Dentre eles, o determinismo ambiental, escola filosófica alemã, que concebe o entorno controlando o curso da ação humana. Johnston *et al* (1981) aponta que a influência do entorno sobre o homem remonta à Antiguidade Clássica, revivida na Europa, durante o renascimento. O existencialismo, corrente de pensamento no qual o homem, condenado à liberdade por já não ser portador de uma essência abstrata e universal, surge como arquiteto de sua vida, o construtor de seu próprio destino, submetido, entretanto, a limitações concretas. E o ambientalismo, que se refere à ideologias e práticas que possuem interesse ambiental, uma forma de ecologia humana.

Reforçam essas conceituações, Thompson e Barton (1994) com as denominações de indivíduo de comportamento de base ecocêntrica, como aqueles que acreditam que a natureza tem valor por si própria e merece proteção por seu valor intrínseco, em contraste com o indivíduo de base antropocêntrica, o qual percebe que o ambiente deve ser protegido em função da manutenção ou melhora da qualidade de vida dos seres humanos.

A luz desses autores pode-se inferir que o pantaneiro é um misto de adaptação/submissão ao meio ambiente, mas que vem percebendo sua relação com o ambiente como a de um sistema interdependente; ou ainda uma antítese entre determinismo-ambiental e ambientalismo, mesmo que por vezes assuma um comportamento antropocêntrico (reconhece que o cuidar da natureza lhe traz benefícios materiais e vantagens) e outras ecocêntrico (vê a natureza por seu valor intrínseco).

Finalizando a questão dos diferentes enfoques dos participantes, salientam-se os autores Johnston *et al* (1981), assim como Tuan (1980), para os quais existem numerosos vínculos emocionais e afetivos entre os homens e o meio que cria, habita, manipula, conserva, visita, está incluso e imagina, e que merecem maiores investigações.

Por outro lado, o estudo confirmou o perfil social levantado na revisão, no qual esse povo se destaca por estar ao contato com a diversidade étnica e conseguir ser solidário, cooperativo e hospitaleiro, pela necessidade de sobrevivência e apesar das dificuldades ocasionadas pelo isolamento. Essas características puderam ser constatadas no trato receptivo às famílias turistas, público muito diferente do que eles estavam acostumados, e durante os incidentes com os motores do barco e da voadeira.

Relevante ressaltar, a dinâmica estabelecida pelos dois grupamentos: pantaneiros e turistas; Em ambos os grupamentos, as relações de amizade e de confiança nas decisões a serem tomadas, perante as diversas circunstâncias apresentadas durante o trajeto, estavam sedimentadas pelo tempo de convívio – cinco e oito anos respectivamente.

Só o fato, de 12 pessoas estarem confinadas numa embarcação pequena, durante uma semana, com pouca área para circulação e com redução geral do que se considera privacidade e espaço pessoal, as manifestações de **comportamentos territoriais** não adequados e **situações sociais** conflitantes foram bastante favorecidas.

Existem dois aspectos a serem explorados nesta questão. O primeiro refere-se a questão do comportamento e do conflito. Colabora com essas reflexões, Gorsky (1970) ao elucidar a importância de estar conformado com inevitáveis decepções, ou com traços desagradáveis de caráter e comportamento, que por ventura, se manifestem nos participantes de expedições longas. Entretanto, como os grupamentos desse estudo, se conheciam há bastante tempo, e estavam unidos mais profundamente pelos laços de amizade, houve uma minimização do estresse ambiental, resultando numa sublimação dos problemas físico-espaciais do barco e numa situação social, muito mais para o agradável, do que para o insustentável, mesmo porque não havia como abandonar o “cabote”. Gorsky (1970, p. 07) reafirma esse pensamento, recomendando que antes da partida se aceite essas condições, e que persista o propósito entre todos os envolvidos durante o trajeto, de superação de sentimentos sociais negativos. Para ele: “o fato de estarmos prevenidos provavelmente não poderá evitar nada, mas temos tudo a ganhar se mantivermos nossa lucidez a respeito”.

O segundo aspecto está relacionado aos conceitos de privacidade, espaço pessoal e territorialidade abordados multidisciplinarmente.

Stokols (1978) clarifica esses conceitos dentro da Psicologia Ambiental, assinalando que a privacidade está interligada à limitação do poder do outro sobre si próprio; a territorialidade, está relacionada à funções biológicas, reprodução e sobrevivência, uso por seus ocupantes, sinais territoriais, grau de ligação com a área, redução de medo de crime e respeito à propriedade alheia e o espaço pessoal, tem a ver com os níveis de envolvimento/intimidade com os outros são mantidos através de comportamentos verbais e não-verbais (STOKOLS, 1978).

Tanto as percepções individuais de privacidade, espaço pessoal quanto o comportamento territorial tiveram que ser adequados à área disponível da embarcação, dando vazão ao comportamento adaptativo de ambos os grupamentos. Tanto as áreas dos turistas, quanto as dos pantaneiros, ficaram muito bem delimitadas, até mesmo por questões de hierarquia: “*eles estão a lazer e nós a trabalho*”, fala do Mestre de Arrais.

Johnston *et al* (1981), reforça a importância da percepção da territorialidade, pois para os autores, essa necessidade de espaço que os indivíduos têm, deve-se por razões de identidade, segurança e estímulo.

Esses autores tratam ainda do espaço, que na geografia possui conceitos absolutos, relativos e relacionais, podendo ser de ação ou de atividade (zonas identificadas pelos indivíduos, onde desenvolverão a maior parte de suas atividades), ou sociais (um mosaico de

áreas que ligam um grupo social específico com valores, preferências e aspirações semelhantes).

Nesse sentido, o espaço de ação mesclava-se com o espaço social, representado pela área coberta na popa da embarcação, que servia como sala de refeição, estar, local de pintura, leitura e descanso.

Essa modificação da forma de uso do “cabote”, para recepção das duas famílias, alterou também as dinâmicas concebidas no barco. Enquanto os frequentadores anteriores iam somente para pescar, nessa viagem os pantaneiros tiveram que se adequar às exigências e necessidades dos adolescentes, esposas, crianças e idosos.

Johnston *et al* (1981), colaboram com a definição da concepção de espaço com o termo “espacialidade”, que se refere às implicações sociais e humanas no espaço, procedendo, com cada um deles, uma tradição intelectual diferente. Segundo eles ainda, o espaço não é uma produção social, mas a espacialidade sim.

Assim sendo, a nova espacialidade para o “cabote”, requereu não só a adequação do espaço físico (quartos femininos e masculinos, divisão dos banheiros e regulação da quantidade de água reservada nas caixas entre outros), com ela abriu-se uma nova possibilidade de diversificação de público e de atividade econômica, o turismo familiar.

Quando se articula o **objetivo** que uniu os participantes: “o passeio”, aos pressupostos de Rivlin (2003), expande-se a discussão. A autora ressalta a importância de vivenciar a totalidade de um ambiente; de se levar em consideração a percepção de que cada pessoa presente em um local, contribui para o que ali está acontecendo; de que existe uma atmosfera ambiental que, frequentemente, opera abaixo do nível de consciência; de que o ambiente observado não é, necessariamente, o ambiente real e de que, além do ambiente ter valor simbólico, ele é organizado como um conjunto de imagens mentais.

Nesse sentido, Rivlin (2003) resume a experiência aqui contida, ressaltando novamente a capacidade de adaptação, tanto às diferenças de idades, de gênero, de cultura e de nível econômico existentes entre os pantaneiros e os turistas, a importância do indivíduo, quer ele more numa tripa de terra ou numa fazenda como a do Morro Amolar; a percepção de que a dinâmica agradável de convivência social em um espaço mínimo restrito (o “cabote”), desenvolvida por esse grupo, não irá ser repetida, caso alguns fatores como a longa amizade, a tolerância, o respeito, o bom humor e o cuidado com a natureza e com o outro não sejam efetivados.

Extrapolando as circunstâncias do barco e investigando a relação desses pantaneiros com o ambiente na posição de receptores de turismo, Klippendorf (1989) assinala que existem sérias repercussões sociais, culturais e ecológicas nessas novas intermediações; como transtornos no modo de vida local, perda de identidade cultural, além dos atentados ao meio ambiente. Situação que pode ser evidenciada, levando ao fechamento às visitas turísticas, do viveiro de pássaros no Parque.

Ribeiro e Barros (1997) concordam parcialmente com o autor anterior. Ao mesmo tempo em que, ressaltam que o ecoturismo representa um avanço em relação ao turismo tradicional, apesar do manejo superficial do exótico e da beleza natural. Os autores evidenciam que o encontro desenvolvimentista, mesmo que marcado por boas intenções, “permanece com seus aspectos perversos criando resultados inesperados, mudanças indesejadas e dependências clientelistas e patrimoniais” (RIBEIRO; BARROS, 1997, p.30).

Dilema semelhante encontra-se entre os moradores da Barra da Aroeira/TO (AGUIAR, 1994), que se dividem-se em dois grupos com duas formas diferenciadas para encarar a inserção de uma nova variável na comunidade – a escola. Enquanto uns são favoráveis e preveem que a escola trará desenvolvimento, outros acreditam que muitas das tradições e costumes se perderão.

No caso dos pantaneiros, o isolamento vem colaborando com a preservação do local, de sua cultura e costumes; entretanto famílias dispersas em locais longínquos,

preocupantemente, também não têm acesso às decisões comunitárias e, tão pouco, opinam sobre as políticas públicas que conduzem seu futuro.

A construção da transpantaneira e o preparo dos rios da bacia para navegabilidade comercial, ampliam as possibilidades de comunicação, o desenvolvimento econômico da agropecuária e o turismo, bem como, proporcionam a inclusão do pantaneiro no mundo globalizado.

Entretanto, trazem para dentro desse sistema delicado, até então formado entre o povo pantaneiro e seu ambiente, variáveis bastante negativas, associadas ao impacto ambiental. Parafraseando Cândido (1978, p.09) " a existência de todo grupo social pressupõem a obtenção de um equilíbrio relativo entre as suas necessidades e os recursos do meio físico". Desse modo, o povo pantaneiro tal como era, talvez também esteja ameaçado em sua existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num ambiente selvagem, como o Pantanal, no qual a imprevisibilidade do meio é constante e a requisição de comportamentos adaptativos é grande; aquele que está aberto a desenvolver competências sociais variadas e maior percepção das nuances do contexto, tem maiores chances de interagir de maneira mais adequada, saudável e prazerosa, com as circunstâncias que se apresentam, sem perder sua individualidade, cultura ou suas raízes.

Com relação as dinâmicas num espaço restrito como a de um barco, a convivência próxima a diversidade possibilita muitos atritos, que podem ser solucionados desde que se respeitem as questões de espacialidade e previamente, antes do percurso, estejam estabelecidas outras formas de relacionamento, como a amizade e a confiança.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, C. M. **Educação, Cultura e Criança**. São Paulo: Papirus, 1994.
- BENI, M. **Análise estrutural do Turismo**. São Paulo: SENAC/São Paulo, 1997.
- BERTELLI, A. P. **Os índios cavaleiros Guaycurús: fatos acontecidos entre 1526- 1986 no Pantanal do Mato Grosso**. São Paulo: Uyara, 1987.
- _____. **O Pantanal: mar dos Xaraiés**. São Paulo: Siciliano, 1988.
- BETTI, M. A televisão e o ensino da Educação Física na escola: uma proposta de intervenção. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, p.135-148, jan. 2005.
- BRASIL. **Decreto Federal n. 86.392 de 24.09.1981**: Dispõe sobre a criação do Parque Nacional do Pantanal Matogrossense. Disponível em: <<http://www.cprh.pe.gov.br/ctudo-secoes-sub.asp?idsecao=113&idlegislacao=115>>. Acesso em 23 abr. 2006.
- _____. **Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (IBAMA)**: Parques Brasileiros 2002. Disponível em: <<http://www2.ibama.gov.br/unidades/parques/reuc/78.htm>> Acesso em: 21 nov. 2005.
- _____. **Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão**: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Cidades 2005. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 08 abr. 2006.
- CAMPBELL, R. J. **Dicionário de psiquiatria**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1964.

GORSKY, B. **Expedição Moana**: a volta ao mundo em caça submarina. São Paulo: Hemus Editora, 1970.

GUIMARÃES ROSA, J. **Ave, Palavra**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1978.

JOHNSTON, R.J. *et al.* **Diccionario de geografia humana**. Madrid, Espanha: Alianza Editorial, 1981.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

LEE, T. **Psicologia e meio ambiente**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.

POR, F. D.; FONSECA, V. L. I.; LENCIONI NETO, F. **Economia do Pantanal**. Disponível em: <: <: <http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/meioamb/ecossist/pantanal/economia/index.htm>>. Acesso em 22 nov. 2005.

OVERTON, W.; REESE, H. General Models for man-environment relations. In: Ambrose (org.). **Ecological factors in human development**. Netherlands: North-Holland Publishing Company, 1977.

POTT, V. J.; POTT, A. **Distribuição de Macrófitas Aquáticas no Pantanal**. Disponível em: <http://www.cpap.embrapa.br/agencia/congresso/Bioticos/POTT-003.pdf>. Acesso em 21 nov. 2005.

RAVAZZANI, Carlos. *O homem Pantaneiro*. Disponível em: < http://geocities.yahoo.com.br/serraverde/pantanal/homem_pantaneiro.html>. Acesso em 22 nov. 2005.

RIBEIRO, I. C. **Sementes para o futuro**. Educação Ambiental de corpo e alma: trabalhando sentimentos e valores numa experiência com Agenda 21 Escolar. Ribeirão Preto, SP: São Francisco Graf. Ed., 2005.

RIBEIRO, G. L.; BARROS, F. L. A corrida por paisagens autênticas: turismo, meio ambiente e subjetividade no mundo contemporâneo. In: SERRANO, C.; BRUHNS, H. T. **Viagens à natureza**: turismo, cultura e ambiente. Campinas, SP: Papirus, 1997, p. 27 – 42.

RIVLIN, L. G. Olhando o passado e o futuro: revendo pressupostos sobre as inter-relações pessoa-ambiente. **Estudos de Psicologia**, 2003, v.8, n. 2, p. 215-220.

ROSA NETO, F. **Manual de Avaliação Motora**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SAMPAIO, I. **Cheiros e Sabores**. 3ª ed. Mato Grosso do Sul: Ed. Saber, 2002.

SELTIZ, J.; DEUTSCH; C. **Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais**. São Paulo: Herder/ Universidade de São Paulo, 1971.

STOKOLS, D. **Environmental Psychology**. Annual Review of Psychology, Palo Alto, USA, n. 29, p. 253-295, 1978.

THOMPSON, S. G.; BARTON, M. Ecocentric and anthropocentric attitudes toward the environment. **Journal of environment psychology**. n.14, p.149-157, 1994.

TRIVIÑOS, A. **Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1992.

TUAN, Y.F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo, SP: DIFEL/Difusão Editorial, 1980.

WAGNER, F.; GODESBERG. B. O homem e o ambiente: um balanço cultural. In: GADAMER, H.G.; VOGLER, P. (Org.). **Nova antropologia**: o homem em sua existência biológica, social e cultural. São Paulo, SP: EPU, ED. Universidade de São Paulo, 1977.